

UNIVERSIDADE DO GRANDE ABC
- LITERATURA PORTUGUESA III -
COLETÂNEA DE TEXTOS



Marcel Duchamp

4º Edição (Jan 2006)

(1º Edição Jan 2003)

Prof. Ms. Flavio F. Botton

ÍNDICE

SIMBOLISMO.....	3
MODERNISMO.....	4
Manifesto Futurista.....	4
Para Fazer um Poema Dadaísta.....	5
Ode Triunfal - Álvaro de Campos (6-1914).....	5
Poemas de Fernando Pessoa - Heterônimos.....	8
POEMAS DE ALBERTO CAEIRO (SELEÇÃO).....	8
POEMAS DE RICARDO REIS (SELEÇÃO).....	10
POEMAS DE ÁLVARO DE CAMPOS (SELEÇÃO).....	11
Fernando Pessoa - Obra Ortônima - Seleção.....	14

SIMBOLISMO

Uma carniça - Charles Baudelaire
(Tradução de Ivan Junqueira)
Lembra-te, meu amor, do objeto que encontramos
Numa bela manhã radiante:
Na curva de um atalho, entre calhaus e ramos,
Uma carniça repugnante.

As pernas para cima, qual mulher lasciva,
A transpirar miasmas e humores,
Eis que as abria desleixada e repulsiva,
O ventre prenhe de lívres.

Ardia o sol naquela pútrida torpeza,
Como a cozê-la em rubra pira
E para ao cêntuplo volver à Natureza
Tudo o que ali ela reunira.

E o céu olhava do alto a esplêndida carcaça
Como uma flor a se entreabrir.
O fedor era tal que sobre a relva escassa
Chegaste quase a sucumbir.

Zumbiam moscas sobre o ventre e, em alvoroço,
Dali saíam negros bandos
De larvas, a escorrer como um líquido grosso
Por entre esses trapos nefandos.

E tudo isso ia e vinha, ao modo de uma vaga,
Ou esguichava a borbulhar,
Como se o corpo, a estremecer de forma vaga,

Vivesse a se multiplicar.
E esse mundo emitia uma bulha esquisita,
Como vento ou água corrente,
Ou grãos que em rítmica cadência alguém agita
E à joeira deita novamente.

As formas fluíam como um sonho além da vista,
Um frouxo esboço em agonia,
Sobre a tela esquecida, e que conclui o artista
Apenas de memória um dia.

Por trás das rochas irrequieta, uma cadela
Em nós fixava o olho zangado,
Aguardando o momento de reaver àquela
Náusea carniça o seu bocado.

- Pois hás de ser como essa infâmia apodrecida,
Essa medonha corrupção,
Estrela de meus olhos, sol de minha vida,
Tu, meu anjo e minha paixão!

Sim! tal serás um dia, ó deusa da beleza,
Após a benção derradeira,
Quando, sob a erva e as florações da natureza,
Tornares afinal à poeira.

Então, querida, dize à carne que se arruína,
Ao verme que te beija o rosto,
Que eu preservei a forma e a substância divina
De meu amor já decomposto!

Poesia e Sugestão - Stéphane Mallarmé (França - 1891)

- Creio, respondeu-me ele, que, no fundo, os jovens estão mais próximos do ideal poético do que os parnasianos, que ainda tratam seus temas à maneira dos velhos filósofos e dos velhos retóricos, apresentando os objetos diretamente. Penso ser preciso, ao contrário, que haja somente alusão. A contemplação dos objetos, a imagem alçando vôo dos sonhos por eles suscitados, são o canto; já os parnasianos tomam a coisa e mostram-na inteiramente: com isso, carecem de mistério; tiram dos espíritos essa alegria deliciosa de acreditar que estão criando. Nomear um objeto é suprimir três quartos do prazer do poema, que consiste em ir adivinhando pouco a pouco: sugerir, eis o sonho. É a perfeita utilização desse mistério que constitui o símbolo: evocar pouco a pouco um objeto para demonstrar um estado de alma, ou, inversamente, escolher um objeto e extrair dele um estado de alma, através de uma série de decifrações.

- Nós nos aproximamos, aqui, disse eu ao mestre, de uma grande objeção que eu tinha para lhe fazer... A obscuridade !

- Com efeito, é igualmente perigoso, responde ele, que a obscuridade venha da insuficiência do leitor ou do poeta... Mas evitar esse trabalho é trapacear. Pois, se um ser de inteligência mediana e preparação literária insuficiente abre, por acaso, um livro assim e pretende gostar dele, ocorre um mal-entendido, e é preciso colocar as coisas no seu devido lugar. Deve haver enigma na poesia, e o objetivo da literatura - não há quaisquer outros - é evocar os objetos.

Chorai Arcadas - Camilo Pessanha

Chorai, arcadas
Do violoncelo,
Convulsionadas.
Pontes aladas
De pesadelo...

De que esvoaçam,
Branco, os arcos.
Por baixo passam,
Se despedaçam,
No rio os barcos.

Fundas, soluçam
Caudais de choro.

Que ruínas, ouçam...
Se se debruçam,
Que sorvedouro!

Lívidos astros,
Soidões lacustres...
Lemes e mastros...
E os alabastros
Dos balaústres!

Urnas quebradas.
Blocos de gelo!
Chorai, arcadas
Do violoncelo,
Despedaçadas...

Modernismo**Manifesto Futurista**

[F.T. Marinetti]

1. Queremos cantar o amor do perigo, o hábito da energia e da temeridade.
2. A coragem, a audácia, a rebelião, serão elementos essenciais da nossa poesia.
3. Até hoje, a literatura exaltou a imobilidade pensativa, o êxtase e o sono. Nós queremos exaltar o movimento agressivo, a insônia febril, o passo de corrida, o salto mortal, a bofetada e o sopapo.
4. Declaramos que a magnificência do mundo se enriqueceu de uma beleza nova: a beleza da velocidade. Um carro de corrida com a carroçaria enfeitada por grandes tubos de escape como serpentes de respiração explosiva... um carro tonitruante que parece correr entre a metralha é mais belo do que a Vitória de Samotrácia.
5. Queremos cantar o homem que segura o volante, cuja haste ideal atravessa a Terra, lançada, por sua vez, em corrida no circuito da sua órbita.
6. O poeta terá de se prodigar, com ardor, refulgência e prodigalidade, para aumentar o entusiástico fervor dos elementos primordiais.
7. Não há beleza senão na luta. Nenhuma obra que não tenha um caráter agressivo pode ser considerada obra-prima. A poesia deve ser concebida como um violento assalto contra as forças ignotas, para reduzi-las a prostrar-se perante o homem.
8. Estamos no promontório extremo dos séculos!... Porque deveremos olhar para detrás das costas se queremos arrombar as misteriosas portas do impossível? O Tempo e o Espaço morreram ontem. Nós vivemos já no absoluto, pois já criamos a eterna velocidade.
9. Nós queremos glorificar a guerra, o militarismo, o patriotismo, o gesto destruidor dos libertários, as belas idéias por que se morre e o desprezo da mulher.
10. Queremos destruir os museus, as bibliotecas, as academias de todo o tipo e combater o moralismo, o feminismo e todas as vilezas oportunistas ou utilitárias.
11. Cantaremos as grandes multidões agitadas pelo trabalho, pelo prazer ou pela revolta; cantaremos o vibrante fervor noturno dos arsenais e dos estaleiros incendiados por violentas luas elétricas; as gulosas estações de caminho-de-ferro engolindo serpentes fumegantes; as fábricas suspensas das nuvens pelas fitas do seu fumo; as pontes que saltam como atletas por sobre a diabólica cutelaria dos rios ensolarados; os aventureiros navios a vapor que farejam o horizonte; as locomotivas de vasto peito, galgando os carris como grandes cavalos de ferro curvados por longos tubos e o deslizante vôo dos aviões cujos motores drapejam ao vento como o aplauso de uma multidão entusiástica.

Para Fazer um Poema Dadaísta

[Tristan Tzara]

Pegue num jornal.

Pegue numa tesoura.

Escolha no jornal um artigo com o comprimento que pensa dar ao seu poema.

Recorte o artigo.

Depois, recorte cuidadosamente todas as palavras que formam o artigo e meta-as num saco.

Agite suavemente.

Seguidamente, tire os recortes um por um.

Copie conscienciosamente

pela ordem em que saem do saco.

O poema será parecido consigo.

E pronto: será um escritor infinitamente original e duma adorável sensibilidade, embora incompreendido pelo vulgo.

ODE TRIUNFAL - Álvaro de Campos (6-1914)

À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica

Tenho febre e escrevo.

Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,

Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r-r eterno!

Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!

Em fúria fora e dentro de mim,

Por todos os meus nervos dissecados fora,

Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!

Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,

De vos ouvir demasiadamente de perto,

E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso

De expressão de todas as minhas sensações,

Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

Em febre e olhando os motores como a uma Natureza tropical

Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força -

Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,

Porque o presente é todo o passado e todo o futuro

E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes

eléctricas

Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,

E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinquenta,

Átomos que hão-de ir ter febre para o cérebro do Ésquilo do

século cem,

Andam por estas correias de transmissão e por estes êmbolos

e por estes volantes,

Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,

Fazendo-me um acesso de carícias ao corpo numa só carícia à

alma.

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!

Ser completo como uma máquina!

Poder ir na vida triunfante como um automóvel último-

modelo!

Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,

Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento

A todos os perfumes de óleos e calores e carvões

Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável!

Fraternidade com todas as dinâmicas!

Promíscua fúria de ser parte-agente

Do rodar férreo e cosmopolita

Dos comboios estrénuos,

Da faina transportadora-de-cargas dos navios,

Do giro lúbrico e lento dos guindastes,

Do tumulto disciplinado das fábricas,

E do quase-silêncio ciciante e monótono das correias

de transmissão!

Horas europeias, produtoras, entaladas

Entre maquinismos e afazeres úteis!

Grandes cidades paradas nos cafés,

Nos cafés - oásis de inutilidades ruidosas

Onde se cristalizam e se precipitam

Os rumores e os gestos do Útil

E as rodas, e as rodas-dentadas e as chumaceiras do

Progressivo!

Nova Minerva sem-alma dos cais e das gares!

Novos entusiasmos de estatura do Momento!

Quilhas de chapas de ferro sorrindo encostadas às

docas,

Ou a seco, erguidas, nos planos-inclinados dos portos!

Actividade internacional, transatlântica, Canadian-

Pacific!

Luzes e febris perdas de tempo nos bares, nos hotéis,

Nos Longchamps e nos Derbies e nos Ascots,

E Piccadillies e Avenues de L'Opéra que entram

Pela minh'alma dentro!

Hé-lá as ruas, hé-lá as praças, hé-lá-hô la foule!

Tudo o que passa, tudo o que pára às montras!

Comerciantes; vários; escrocs exageradamente bem-

vestidos;

Membros evidentes de clubes aristocráticos;

Esquálidas figuras dúbias; chefes de família vagamente

felizes

E paternais até na corrente de oiro que atravessa o

colete

De algibeira a algibeira!

Tudo o que passa, tudo o que passa e nunca passa!
 Presença demasiadamente acentuada das cocotes
 Banalidade interessante (e quem sabe o quê por dentro?)
 Das burguesinhas, mãe e filha geralmente,
 Que andam na rua com um fim qualquer;
 A graça feminil e falsa dos pederastas que passam, lentos;
 E toda a gente simplesmente elegante que passeia e se mostra
 E afinal tem alma lá dentro!
 (Ah, como eu desejaria ser o souteneur disto tudo!)
 A maravilhosa beleza das corrupções políticas,
 Deliciosos escândalos financeiros e diplomáticos,
 Agressões políticas nas ruas,
 E de vez em quando o cometa dum regicídio
 Que ilumina de Prodígio e Fanfarra os céus
 Usuais e lúcidos da Civilização quotidiana!

Notícias desmentidas dos jornais,
 Artigos políticos insinceramente sinceros,
 Notícias passez à-la-caisse, grandes crimes -
 Duas colunas deles passando para a segunda página!
 O cheiro fresco a tinta de tipografia!
 Os cartazes postos há pouco, molhados!
 Vients-de-paraître amarelos como uma cinta branca!
 Como eu vos amo a todos, a todos, a todos,
 Como eu vos amo de todas as maneiras,
 Com os olhos e com os ouvidos e com o olfacto
 E com o tacto (o que palpar-vos representa para mim!)
 E com a inteligência como uma antena que fazeis vibrar!
 Ah, como todos os meus sentidos têm cio de vós!

Adubos, debulhadoras a vapor, progressos da agricultura!
 Química agrícola, e o comércio quase uma ciência!
 Ó mostruários dos caixeiros-viajantes,
 Dos caixeiros-viajantes, cavaleiros-andantes da Indústria,
 Prolongamentos humanos das fábricas e dos calmos
 escritórios!

Ó fazendas nas montras! Ó manequins! Ó últimos figurinos!
 Ó artigos inúteis que toda a gente quer comprar!
 Olá grandes armazéns com várias secções!
 Olá anúncios eléctricos que vêm e estão e desaparecem!
 Olá tudo com que hoje se constrói, com que hoje se é
 diferente de ontem!
 Eh, cimento armado, beton de cimento, novos processos!
 Progressos dos armamentos gloriosamente mortíferos!
 Couraças, canhões, metralhadoras, submarinos, aeroplanos!
 Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera.
 Amo-vos carnivoramente.
 Pervertidamente e enroscando a minha vista
 Em vós, ó coisas grandes, banais, úteis, inúteis,
 Ó coisas todas modernas,
 Ó minhas contemporâneas, forma actual e próxima
 Do sistema imediato do Universo!
 Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!

Ó fábricas, ó laboratórios, ó music-halls, ó Luna-Parks,
 Ó couraçados, ó pontes, ó docas flutuantes -
 Na minha mente turbulenta e encandescida
 Possuo-vos como a uma mulher bela,
 Completamente vos possuo como a uma mulher bela que não

se ama,
 Que se encontra casualmente e se acha
 interessantíssima.

Eh-lá-hô fachadas das grandes lojas!
 Eh-lá-hô elevadores dos grandes edifícios!
 Eh-lá-hô recomposições ministeriais!
 Parlamentos, políticas, relatores de orçamentos,
 Orçamentos falsificados!
 (Um orçamento é tão natural como uma árvore
 E um parlamento tão belo como uma borboleta).
 Eh-lá o interesse por tudo na vida,
 Porque tudo é a vida, desde os brilhantes nas montras
 Até à noite ponte misteriosa entre os astros
 E o mar antigo e solene, lavando as costas
 E sendo misericordiosamente o mesmo
 Que era quando Platão era realmente Platão
 Na sua presença real e na sua carne com a alma dentro,
 E falava com Aristóteles, que havia de não ser
 discípulo dele.

Eu podia morrer triturado por um motor
 Com o sentimento de deliciosa entrega duma mulher
 possuída.
 Atirem-me para dentro das fornalhas!
 Metam-me debaixo dos comboios!
 Espanquem-me a bordo de navios!
 Masoquismo através de maquinismos!
 Sadismo de não sei quê moderno e eu e barulho!

Up-lá hô jockey que ganhaste o Derby,
 Morder entre dentes o teu cap de duas cores!

(Ser tão alto que não pudesse entrar por nenhuma
 porta!
 Ah, olhar é em mim uma perversão sexual!)

Eh-lá, eh-lá, eh-lá, catedrais!
 Deixai-me partir a cabeça de encontro às vossas
 esquinas.

E ser levado da rua cheio de sangue
 Sem ninguém saber quem eu sou!

Ó tramways, funiculares, metropolitanos,
 Roçai-vos por mim até ao espasmo!
 Hilla! hilla! hilla-hô!
 Dai-me gargalhadas em plena cara,
 Ó automóveis apinhados de pândegos e de putas,
 Ó multidões quotidianas nem alegres nem tristes das
 ruas,
 Rio multicolor anónimo e onde eu me posso banhar
 como quereria!
 Ah, que vidas complexas, que coisas lá pelas casas de
 tudo isto!
 Ah, saber-lhes as vidas a todos, as dificuldades de
 dinheiro,
 As dissensões domésticas, os deboches que não se
 suspeitam,
 Os pensamentos que cada um tem a sós consigo no seu

quarto
 É os gestos que faz quando ninguém pode ver!
 Não saber tudo isto é ignorar tudo, ó raiva,
 Ó raiva que como uma febre e um cio e uma fome
 Me põe a magro o rosto e me agita às vezes as mãos
 Em crispações absurdas em pleno meio das turbas
 Nas ruas cheias de encontrões!

Ah, e a gente ordinária e suja, que parece sempre a mesma,
 Que emprega palavões como palavras usuais,
 Cujos filhos roubam às portas das mercearias
 E cujas filhas aos oito anos - e eu acho isto belo e amo-o! -
 Masturbam homens de aspecto decente nos vãos de escada.
 A gentalha que anda pelos andaimes e que vai para casa
 Por velas quase irreais de estreiteza e podridão.
 Maravilhosamente gente humana que vive como os cães
 Que está abaixo de todos os sistemas morais,
 Para quem nenhuma religião foi feita,
 Nenhuma arte criada,
 Nenhuma política destinada para eles!
 Como eu vos amo a todos, porque sois assim,
 Nem imorais de tão baixos que sois, nem bons nem maus,
 Inatingíveis por todos os progressos,
 Fauna maravilhosa do fundo do mar da vida!

(Na nora do quintal da minha casa
 O burro anda à roda, anda à roda,
 E o mistério do mundo é do tamanho disto.
 Limpa o suor com o braço, trabalhador descontente.
 A luz do sol abafa o silêncio das esferas
 E havemos todos de morrer,
 Ó pinheirais sombrios ao crepúsculo,
 Pinheirais onde a minha infância era outra coisa
 Do que eu sou hoje...)

Mas, ah outra vez a raiva mecânica constante!
 Outra vez a obsessão movimentada dos ônibus.
 E outra vez a fúria de estar indo ao mesmo tempo dentro de
 todos os comboios
 De todas as partes do mundo,
 De estar dizendo adeus de bordo de todos os navios,
 Que a estas horas estão levantando ferro ou afastando-se das
 docas.
 Ó ferro, ó aço, ó alumínio, ó chapas de ferro ondulado!
 Ó cais, ó portos, ó comboios, ó guindastes, ó rebocadores!

Eh-lá grandes desastres de comboios!
 Eh-lá desabamentos de galerias de minas!
 Eh-lá naufrágios deliciosos dos grandes transatlânticos!

Eh-lá-hô revoluções aqui, ali, acolá,
 Alterações de constituições, guerras, tratados, invasões,
 Ruído, injustiças, violências, e talvez para breve o fim,
 A grande invasão dos bárbaros amarelos pela Europa,
 E outro Sol no novo Horizonte!

Que importa tudo isto, mas que importa tudo isto
 Ao fúlgido e rubro ruído contemporâneo,
 Ao ruído cruel e delicioso da civilização de hoje?
 Tudo isso apaga tudo, salvo o Momento,
 O Momento de tronco nu e quente como um fogueiro,
 O Momento estridentemente ruidoso e mecânico,
 O Momento dinâmico passagem de todas as bacantes
 Do ferro e do bronze e da bebedeira dos metais.

Eia comboios, eia pontes, eia hotéis à hora do jantar,
 Eia aparelhos de todas as espécies, férreos, brutos,
 mínimos,
 Instrumentos de precisão, aparelhos de triturar, de
 cavar,
 Engenhos brocas, máquinas rotativas!

Eia! eia! eia!
 Eia electricidade, nervos doentes da Matéria!
 Eia telegrafia-sem-fios, simpatia metálica do
 Inconsciente!
 Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!
 Eia todo o passado dentro do presente!
 Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!
 Eia! eia! eia!
 Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica cosmopolita!
 Eia! eia! eia! eia-hô-ô-ô!
 Nem sei que existo para dentro. Giro, rodeio, engenho-
 me.
 Engatam-me em todos os comboios.
 Içam-me em todos os cais.
 Giro dentro das hélices de todos os navios.
 Eia! eia-hô! eia!
 Eia! sou o calor mecânico e a electricidade!

Eia! e os rails e as casas de máquinas e a Europa!
 Eia e hurrah por mim-tudo e tudo, máquinas a
 trabalhar, eia!
 Galgar com tudo por cima de tudo! Hup-lá!
 Hup-lá, hup-lá, hup-lá-hô, hup-lá!
 Hé-la! He-hô! H-o-o-o-o!
 Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!

Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!

Poemas de Fernando Pessoa - Heterônimos**POEMAS DE ALBERTO CAEIRO (SELEÇÃO)****II - O Meu Olhar**

O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,

E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...

IX - Sou um guardador de rebanhos.

Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

X - Olá, guardador de rebanhos

“Olá, guardador de rebanhos,
Aí à beira da estrada,
Que te diz o vento que passa?”

"Que é vento, e que passa,
E que já passou antes,
E que passará depois.
E a ti o que te diz?"

"Muita cousa mais do que isso.
Fala-me de muitas outras cousas.
De memórias e de saudades
E de cousas que nunca foram."

"Nunca ouviste passar o vento.
O vento só fala do vento.
O que lhe ouviste foi mentira,
E a mentira está em ti."

Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender ...
O Mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe por que ama, nem o que é amar ...

Amar é a eterna inocência,
E a única inocência não pensar...

Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto.
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.

V - Há metafísica bastante em não pensar em nada.
 O que penso eu do mundo?
 Sei lá o que penso do mundo!
 Se eu adoecesse pensaria nisso.

Que idéia tenho eu das cousas?
 Que opinião tenho sobre as causas e os efeitos?
 Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma
 E sobre a criação do Mundo?
 Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos
 E não pensar. É correr as cortinas
 Da minha janela (mas ela não tem cortinas).

O mistério das cousas? Sei lá o que é mistério!
 O único mistério é haver quem pense no mistério.
 Quem está ao sol e fecha os olhos,
 Começa a não saber o que é o sol
 E a pensar muitas cousas cheias de calor.
 Mas abre os olhos e vê o sol,
 E já não pode pensar em nada,
 Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos
 De todos os filósofos e de todos os poetas.
 A luz do sol não sabe o que faz
 E por isso não erra e é comum e boa.

Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?
 A de serem verdes e copadas e de terem ramos
 E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz
 pensar,
 A nós, que não sabemos dar por elas.
 Mas que melhor metafísica que a delas,
 Que é a de não saber para que vivem
 Nem saber que o não sabem?

"Constituição íntima das cousas"..
 "Sentido íntimo do Universo"..
 Tudo isto é falso, tudo isto não quer dizer nada.
 É incrível que se possa pensar em cousas dessas.
 É como pensar em razões e fins
 Quando o começo da manhã está raiando, e pelos
 lados das árvores
 Um vago ouro lustroso vai perdendo a escuridão.

Pensar no sentido íntimo das cousas
 É acrescentado, como pensar na saúde
 Ou levar um copo à água das fontes.
 O único sentido íntimo das cousas
 É elas não terem sentido íntimo nenhum.

Não acredito em Deus porque nunca o vi.
 Se ele quisesse que eu acreditasse nele,
 Sem dúvida que viria falar comigo
 E entraria pela minha porta dentro
 Dizendo-me, Aqui estou!

(Isto é talvez ridículo aos ouvidos
 De quem, por não saber o que é olhar para as cousas,
 Não compreende quem fala delas
 Com o modo de falar que reparar para elas ensina.)

Mas se Deus é as flores e as árvores
 E os montes e sol e o luar,
 Então acredito nele,
 Então acredito nele a toda a hora,
 E a minha vida é toda uma oração e uma missa,
 E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.

Mas se Deus é as árvores e as flores
 E os montes e o luar e o sol,
 Para que lhe chamo eu Deus?
 Chamo-lhe flores e árvores e montes e sol e luar;
 Porque, se ele se fez, para eu o ver,
 Sol e luar e flores e árvores e montes,
 Se ele me aparece como sendo árvores e montes
 E luar e sol e flores,
 É que ele quer que eu o conheça
 Como árvores e montes e flores e luar e sol.

E por isso eu obedeço-lhe,
 (Que mais sei eu de Deus que Deus de si próprio?).
 Obedeço-lhe a viver, espontaneamente,
 Como quem abre os olhos e vê,
 E chamo-lhe luar e sol e flores e árvores e montes,
 E amo-o sem pensar nele,
 E penso-o vendo e ouvindo,
 E ando com ele a toda a hora.

POEMAS DE RICARDO REIS (SELEÇÃO)**1.**

Mestre, são plácidas
 Todas as horas
 Que nós perdemos,
 Se no perdê-las,
 Qual numa jarra,
 Nós pomos flores.

Não há tristezas
 Nem alegrias
 Na nossa vida.
 Assim saibamos,
 Sábios incautos,
 Não a viver,

Mas decorrê-la,
 Tranqüilos, plácidos,
 Lendo as crianças
 Por nossas mestras,
 E os olhos cheios
 De Natureza ...

À beira-rio,
 À beira-estrada,
 Conforme calha,
 Sempre no mesmo
 Leve descanso
 De estar vivendo.

2.

Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio
 Vem sentar-te comigo Lídia, à beira do rio.
 Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
 Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.
 (Enlacemos as mãos.)

Depois pensemos, crianças adultas, que a vida
 Passa e não fica, nada deixa e nunca regressa,
 Vai para um mar muito longe, para ao pé do Fado,
 Mais longe que os deuses.

Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cansarmo-
 nos.
 Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como o rio.
 Mais vale saber passar silenciosamente
 E sem desassossegos grandes.

Sem amores, nem ódios, nem paixões que levantam a voz,
 Nem invejas que dão movimento demais aos olhos,
 Nem cuidados, porque se os tivesse o rio sempre correria,
 E sempre iria ter ao mar.

Amemo-nos tranqüilamente, pensando que podíamos,
 Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,
 Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro
 Ouvindo correr o rio e vendo-o.

O tempo passa,
 Não nos diz nada.
 Envelhecemos.
 Saibamos, quase
 Maliciosos,
 Sentir-nos ir.

Não vale a pena
 Fazer um gesto.
 Não se resiste
 Ao deus atroz
 Que os próprios filhos
 Devora sempre.

Colhamos flores.
 Molhemos leves
 As nossas mãos
 Nos rios calmos,
 Para aprendermos
 Calma também.

Girassóis sempre
 Fitando o sol,
 Da vida iremos
 Tranqüilos, tendo
 Nem o remorso
 De ter vivido.

Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as
 No colo, e que o seu perfume suavize o momento -
 Este momento em que sossegadamente não cremos em
 nada,
 Pagãos inocentes da decadência.

Ao menos, se for sombra antes, lembrar-te-ás de mim
 depois
 Sem que a minha lembrança te arda ou te fira ou te
 mova,
 Porque nunca enlaçamos as mãos, nem nos beijamos
 Nem fomos mais do que crianças.

E se antes do que eu lewares o óbolo ao barqueiro
 sombrio,
 Eu nada terei que sofrer ao lembrar-me de ti.
 Ser-me-ás suave à memória lembrando-te assim - à
 beira-rio,
 Pagã triste e com flores no regaço.

3.

Vós que, crentes em Cristos e Marias,
Turvais da minha fonte as claras águas
Só para me dizerdes
Que há águas de outra espécie

Banhando prados com melhores horas
Dessas outras regiões pra que falar-me
Se estas águas e prados
São de aqui e me agradam?

Esta realidade os deuses deram
E para bem real a deram externa.
Que serão os meus sonhos
Mais que a obra dos deuses?

Deixai-me a Realidade do momento
E os meus deuses tranqüilos e imediatos
Que não moram no Vago
Mas nos campos e rios.

Deixai-me a vida ir-se pagamente
Acompanhada pelas avenas tênues
Com que os juncos das margens
Se confessam de Pã.

Vivei nos vossos sonhos e deixai-me
O altar imortal onde é meu culto
E a visível presença
os meus próximos deuses.

POEMAS DE ÁLVARO DE CAMPOS (SELEÇÃO)

Cruzou por mim, veio ter comigo, numa rua da Baixa

Aquele homem mal vestido, pedinte por profissão
que se lhe vê na cara,
Que simpatiza comigo e eu simpatizo com ele;
E reciprocamente, num gesto largo, transbordante,
dei-lhe tudo quanto tinha
(Exceto, naturalmente, o que estava na algibeira
onde trago mais dinheiro:
Não sou parvo nem romancista russo, aplicado,
[E romantismo, sim, mas devagar...]).
Sinto uma imensa simpatia por essa gente toda,
Sobretudo quando não merece simpatia.
Sim, eu sou também vadio e pedinte,
E sou-o também por minha culpa.
Ser vadio e pedinte não é ser vadio e pedinte:
É estar ao lado da escala social,
É não ser adaptável às normas da vida,
Às normas reais ou sentimentais da vida -

Inúteis prócos do melhor que a vida,
Deixai a vida aos crentes mais antigos
Que a Cristo e a sua cruz
E Maria chorando.

Ceres, dona dos campos, me console
E Apolo e Vênus, e Úrano antigo
E os trovões, com o interesse
De irem da mão de Jove.

4.

Não a Ti, Cristo, odeio ou te não quero.
Em ti como nos outros creio deuses mais velhos.
Só te tenho por não mais nem menos
Do que eles, mas mais novo apenas.

Odeio-os sim, e a esses com calma aborreço,
Que te querem acima dos outros teus iguais
deuses.

Quero-te onde tu stás, nem mais alto
Nem mais baixo que eles, tu apenas.

Deus triste, preciso talvez porque nenhum havia
Como tu, um a mais no Panteão e no culto,
Nada mais, nem mais alto nem mais puro
Porque para tudo havia deuses, menos tu.

Cura tu, idólatra exclusivo de Cristo, que a vida
É múltipla e todos os dias são diferentes dos
outros,
E só sendo múltiplos como eles
'Staremos com a verdade e sós.

Não ser Juiz do Supremo, empregado certo, prostituta,
Não ser pobre a valer, operário explorado,
Não ser doente de uma doença incurável,
Não ser sedento da justiça, ou capitão de cavalaria,
Não ser, enfim, aquelas pessoas sociais dos novelistas
Que se fartam de letras porque tem razão para chorar
lagrimas,
E se revoltam contra a vida social porque tem razão para
isso supor.
Não: tudo menos ter razão!
Tudo menos importar-me com a humanidade!
Tudo menos ceder ao humanitarismo!
De que serve uma sensação se ha uma razão exterior
para ela?
Sim, ser vadio e pedinte, como eu sou,
Não é ser vadio e pedinte, o que é corrente:
É ser isolado na alma, e isso é que é ser vadio,
É ter que pedir aos dias que passem, e nos deixem, e isso
é que é ser pedinte.

Tudo o mais é estúpido como um Dostoiévski ou um Gorki.
 Tudo o mais é ter fome ou não ter o que vestir.
 E, mesmo que isso aconteça, isso acontece a tanta gente
 Que nem vale a pena ter pena da gente a quem isso acontece.
 Sou vadio e pedinte a valer, isto é, no sentido translato,
 E estou-me rebolando numa grande caridade por mim.
 Coitado do Álvaro de Campos!
 Tão isolado na vida! Tão deprimido nas sensações!
 Coitado dele, enfiado na poltrona da sua melancolia!
 Coitado dele, que com lágrimas (autênticas) nos olhos,
 Deu hoje, num gesto largo, liberal e moscovita,
 Tudo quanto tinha, na algibeira em que tinha pouco

DATILOGRAFIA

Traço, sozinho, no meu cubículo de engenheiro, o plano,
 Firmo o projeto, aqui isolado,
 Remoto até de quem eu sou.
 Ao lado, acompanhamento banalmente sinistro,
 O tique-taque estalado das máquinas de escrever.
 Que náusea da vida!
 Que abjeção esta regularidade!
 Que sono este ser assim!
 Outrora, quando fui outro, eram castelos e cavaleiros
 (Ilustrações, talvez, de qualquer livro de infância),
 Outrora, quando fui verdadeiro ao meu sonho,
 Eram grandes paisagens do Norte, explícitas de neve,
 Eram grandes palmares do Sul, opulentos de verdes.
 Outrora.
 Ao lado, acompanhamento banalmente sinistro,
 O tique-taque estalado das máquinas de escrever.

LISBON REVISITED (1923)

NÃO: Não quero nada.
 Já disse que não quero nada.
 Não me venham com conclusões!
 A única conclusão é morrer.
 Não me tragam estéticas!
 Não me falem em moral!
 Tirem-me daqui a metafísica!

Àquele pobre que não era pobre, que tinha olhos tristes por profissão.
 Coitado do Álvaro de Campos, com quem ninguém se importa!
 Coitado dele que tem tanta pena de si mesmo!
 E, sim, coitado dele!
 Mais coitado dele que de muitos, que são vadios e vadiam,
 Que são pedintes e pedem,
 Porque a alma humana é um abismo.

 Eu é que sei. Coitado dele!
 Que bom poder-me revoltar num comício dentro de minha alma!
 Mas até nem parvo sou!
 Nem tenho a defesa de poder ter opiniões sociais.
 Não tenho, mesmo, defesa nenhuma: sou lúcido.
 Não me queiram converter a convicção: sou lúcido!
 Já disse: sou lúcido.
 Nada de estéticas com coração: sou lúcido.
 Merda! Sou lúcido.

Temos todos duas vidas:
 A verdadeira, que é a que sonhamos na infância,
 E que continuamos sonhando, adultos, num substrato de névoa;
 A falsa, que é a que vivemos em convivência com outros,
 Que é a prática, a útil,
 Aquela em que acabam por nos meter num caixão.
 Na outra não há caixões, nem mortes,
 Há só ilustrações de infância:
 Grandes livros coloridos, para ver mas não ler;
 Grandes páginas de cores para recordar mais tarde.
 Na outra somos nós, / Na outra vivemos;
 Nesta morremos, que é o que viver quer dizer;
 Neste momento, pela náusea, vivo na outra ...
 Mas ao lado, acompanhamento banalmente sinistro,
 Ergue a voz o tique-taque estalado das máquinas de escrever.

Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas
 Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) -
 Das ciências, das artes, da civilização moderna!
 Que mal fiz eu aos deuses todos?
 Se têm a verdade, guardem-na!

Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.
 Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo.
 Com todo o direito a sê-lo, ouviram?
 Não me macem, por amor de Deus!
 Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?
 Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?
 Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.
 Assim, como sou, tenham paciência!
 Vão para o diabo sem mim,
 Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!
 Para que havemos de ir juntos?
 Não me peguem no braço!

APONTAMENTO

A minha alma partiu-se como um vaso vazio.
 Caiu pela escada excessivamente abaixo.
 Caiu das mãos da criada descuidada.
 Caiu, fez-se em mais pedaços do que havia loiça no vaso.

Asneira? Impossível? Sei lá!
 Tenho mais sensações do que tinha quando me sentia eu.
 Sou um espalhamento de cacos sobre um capacho por sacudir.

Fiz barulho na queda como um vaso que se partia.
 Os deuses que há debruçam-se do parapeito da escada.
 E fitam os cacos que a criada deles fez de mim.

Não se zanguem com ela.
 São tolerantes com ela.

Mestre

Mestre, meu mestre querido!
 Coração do meu corpo intelectual e inteiro!
 Vida da origem da minha inspiração!
 Mestre, que é feito de ti nesta forma de vida?
 Não cuidaste se morrerias, se viverias, nem de ti nem de nada,
 Alma abstrata e visual até aos ossos,
 Atenção maravilhosa ao mundo exterior sempre múltiplo,
 Refúgio das saudades de todos os deuses antigos,
 Espírito humano da terra materna,
 Flor acima do dilúvio da inteligência subjetiva...

Mestre, meu mestre!
 Na angústia sensacionista de todos os dias sentidos,
 Na mágoa quotidiana das matemáticas de ser,
 Eu, escravo de tudo como um pó de todos os ventos,
 Ergo as mãos para ti, que estás longe, tão longe de mim!

Meu mestre e meu guia!
 A quem nenhuma coisa feriu, nem doeu, nem perturbou,
 Seguro como um sol fazendo o seu dia involuntariamente,
 Natural como um dia mostrando tudo,

Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.
 Já disse que sou sozinho!
 Ah, que maçada quererem que eu seja da companhia!
 Ó céu azul - o mesmo da minha infância -
 Eterna verdade vazia e perfeita!
 Ó macio Tejo ancestral e mudo,
 Pequena verdade onde o céu se reflete!
 Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!
 Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.
 Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...
 E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!

O que era eu um vaso vazio?

Olham os cacos absurdamente conscientes,
 Mas conscientes de si mesmos, não conscientes deles.

Olham e sorriem.
 Sorriem tolerantes à criada involuntária.

Alastra a grande escadaria atapetada de estrelas.
 Um caco brilha, virado do exterior lustroso, entre os astros.
 A minha obra? A minha alma principal? A minha vida?
 Um caco.
 E os deuses olham-no especialmente, pois não sabem por que ficou ali

Meu mestre, meu coração não aprendeu a tua serenidade.
 Meu coração não aprendeu nada.
 Meu coração não é nada,
 Meu coração está perdido.
 Mestre, só seria como tu se tivesse sido tu.
 Que triste a grande hora alegre em que primeiro te ouvi!
 Depois tudo é cansaço neste mundo subjetivado,
 Tudo é esforço neste mundo onde se querem coisas,
 Tudo é mentira neste mundo onde se pensam coisas,
 Tudo é outra coisa neste mundo onde tudo se sente.
 Depois, tenho sido como um mendigo deixado ao relento
 Pela indiferença de toda a vila.
 Depois, tenho sido como as ervas arrancadas,
 Deixadas aos molhos em alinhamentos sem sentido.
 Depois, tenho sido eu, sim eu, por minha desgraça,
 E eu, por minha desgraça, não sou eu nem outro nem ninguém.
 Depois, mas por que é que ensinaste a clareza da vista,
 Se não me podias ensinar a ter a alma com que a ver

clara?
 Por que é que me chamaste para o alto dos montes
 Se eu, criança das cidades do vale, não sabia respirar?
 Por que é que me deste a tua alma se eu não sabia que fazer
 dela
 Como quem está carregado de ouro num deserto,
 Ou canta com voz divina entre ruínas?
 Por que é que me acordaste para a sensação e a nova alma,
 Se eu não saberei sentir, se a minha alma é de sempre a
 minha?

Prouvera ao Deus ignoto que eu ficasse sempre aquele
 Poeta decadente, estupidamente pretensioso,
 Que poderia ao menos vir a agradar,
 E não surgisse em mim a pavorosa ciência de ver.

Para que me tornaste eu? Deixasses-me ser humano!

Feliz o homem marçano
 Que tem a sua tarefa quotidiana normal, tão leve ainda
 que pesada,
 Que tem a sua vida usual,
 Para quem o prazer é prazer e o recreio é recreio,
 Que dorme sono,
 Que come comida,
 Que bebe bebida, e por isso tem alegria.

A calma que tinhas, deste-ma, e foi-me inquietação.
 Libertaste-me, mas o destino humano é ser escravo.
 Acordaste-me, mas o sentido de ser humano é dormir.

Fernando Pessoa - Obra Ortônima - Seleção

Natal... Na província neva.

Natal... Na província neva.
 Nos lares aconchegados,
 Um sentimento conserva
 Os sentimentos passados.

Coração oposto ao mundo,
 Como a família é verdade!
 Meu pensamento é profundo,
 'Stou só e sonho saudade.

E como é branca de graça
 A paisagem que não sei,
 Vista de trás da vidraça
 Do lar que nunca terei!

Como a noite é longa !

Como a noite é longa !
 Toda a noite é assim...
 Senta-te, ama, perto
 Do leito onde esperto.
 Vem p'r'ao pé de mim...

Amei tanta coisa...
 Hoje nada existe.
 Aqui ao pé da cama
 Canta-me, minha ama,
 Uma canção triste.

Era uma princesa
 Que amou... Já não sei...
 Como estou esquecido !
 Canta-me ao ouvido
 E adormecerei...
 Que é feito de tudo ?
 Que fiz eu de mim?
 Deixa-me dormir,
 Dormir a sorrir
 E seja isto o fim.

Ela canta, pobre ceifeira
 Ela canta, pobre ceifeira,
 Julgando-se feliz talvez;
 Canta, e ceifa, e a sua voz, cheia
 De alegre e anônima viuvez,

Ondula como um canto de ave
 No ar limpo como um limiar,
 E há curvas no enredo suave
 Do som que ela tem a cantar.

Ouvi-la alegre e entristece,
 Na sua voz há o campo e a lida,
 E canta como se tivesse
 Mais razões pra cantar que a vida.

Ah, canta, canta sem razão !
 O que em mim sente 'stá

pensando.
 Derrama no meu coração a tua
 incerta voz ondeando !

Ah, poder ser tu, sendo eu !
 Ter a tua alegre inconsciência,
 E a consciência disso ! Ó céu !
 Ó campo ! Ó canção ! A ciência

Pesa tanto e a vida é tão breve !
 Entrai por mim dentro ! Tornai
 Minha alma a vossa sombra leve
 !
 Depois, levando-me, passai !

Autopsicografia

O poeta é um fingidor.
 Finge tão completamente
 Que chega a fingir que é dor
 A dor que deveras sente.
 E os que lêem o que escreve,
 Na dor lida sentem bem,
 Não as duas que ele teve,
 Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
 Gira, a entreter a razão,
 Esse comboio de corda
 Que se chama coração.

Sugestões de Leitura

- BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. São Paulo, Cia das Letras, 1990.
- BRADBURY, Malcom; McFARLANE, James. *Modernismo, Guia Geral*. São Paulo, Cia das Letras, 1999.
- CASTRO, E.M. de Melo e. *As vanguardas portuguesas do século XX*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Série Biblioteca Breve, nº 52, 1987.
- COELHO, Jacinto do Prado. *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. Lisboa, Verbo, 1969.
- GARCEZ, Maria Helena Nery. *Alberto Caeiro - Descobridor da Natureza ?* Porto, Centro de Estudos Pessoaanos, 1983.
- GARCEZ, Maria Helena Nery. *O tabuleiro Antigo (Uma leitura do heterônimo Ricardo Reis)*. São Paulo, Edusp, 1990.
- GOMES, Álvaro Cardoso. *Fernando Pessoa: As muitas águas de um rio*. São Paulo, Pioneira/EDUSP, 1987.
- GOMES, Álvaro Cardoso. *A Literatura Portuguesa em Perspectiva*. Simbolismo e Modernismo. São Paulo, Atlas. v. 04.
- HAUSER, Arnold. *História Social da Literatura e da Arte*. São Paulo, Mestre Jou, 1972.
- MOISÉS, Carlos Felipe. *Mensagem de Fernando Pessoa - Roteiro de Leitura*. São Paulo, Ática, 1996.
- MOISÉS, Carlos Felipe. *O poema e as máscaras*. Coimbra, Livraria Almedina, 1981.
- MOISÉS, Carlos Felipe. *Poemas de Álvaro de Campos, de Fernando Pessoa - Roteiro de Leitura*. São Paulo, Ática, 1998.
- MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa Através dos Textos*. 24ª edição, São Paulo, Cultrix, 1997.
- MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. 28ª Edição, São Paulo, Cultrix, 1995.
- MOISÉS, Massaud. *O espelho e a esfinge*. São Paulo, Circulo do Livro, 1990.
- NEVES, João Alves das. *O movimento futurista em Portugal*. Porto, Livraria Divulgação, 1966.
- PESSOA, Fernando. *Mensagem*. São Paulo, FTD, 1992. Prefácio de Francisco M. Silveira.
- PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1965.
- SARAIVA, José Germano. *História Concisa de Portugal*. 17ª edição, Lisboa, Publicações Europa América, 1995.
- SILVEIRA, Francisco Maciel. A mensagem de Fernando às pessoas. In.: PESSOA, Fernando. *Mensagem*. São Paulo, FTD, 1992, p. 8-18.
- SILVEIRA, Francisco Maciel. *Fernando Pessoa(s) de um drama*. São Paulo, Reis Editorial, 1999.
- TORRE, Guillermo de. *História das Literaturas de Vanguarda*. Porto, Presença, 1972.